

# O CÃO — SEU EMPRÊGO MILITAR ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Ten Cel Vet  
JOSÉ ALBERTO BAPTISTA

*"O 26.º Pelotão de Cães de Guerra guiou homens do RI em mais de 250 Patrulhas durante o ano de 1944, sem que as Patrulhas perdessem um só homem devido ao fogo inimigo".*

(Parte de um Cel. Cmt de um BI, pertencente ao VI Ex Americano, em Morotal, Indonésia)

O cão, desde os mais remotos tempos, vem sendo empregado pelo homem como seu auxiliar, principalmente na caça e na guarda das suas habitações e propriedades.

É a sua mais nobre conquista pois, quando o cavalo era para o homem primitivo apenas uma peça de caça, o cão já o acompanhava em toda a sua vida prestando-lhe inestimáveis serviços.

Posteriormente o homem, observando seu cão, notou que ele apresentava certas características que o diferenciavam dos outros animais: a imensa dedicação, grande percepção de coisas — que somente muito mais tarde o homem percebia — defesa de sua propriedade à aproximação de qualquer pessoa estranha, levaram o homem a incluí-lo entre seus guerreiros.

Os trabalhos de Plutarco, Plínio e Heródoto, escritos séculos antes de Cristo, provam o

emprêgo do cão com fins bélicos.

Foi empregado inicialmente como simples auxiliar de guarda, depois como guarda propriamente dita passando gradativamente a tomar parte como elemento ativo no combate durante o longo período da Idade Média aos Tempos Hodiernos.

Em todas as épocas pois, os cães tomaram parte nas guerras cumprindo, cabalmente, as missões que lhes eram atribuídas.

Heródoto, cita a presença do cão nas guerras de sua época.

A cidade de Argolis, conquistada por Felipe da Macedônia, também viu nas fileiras invasoras o cão de guerra.

Frederico o Grande empregou em suas fileiras cães estafetas, durante a Guerra dos Sete Anos.

Em 1798 na Campanha do Egito, em Alexandria, Napoleão recomendou que fossem empre-

gados cães, nas posições defensivas, para a guarda das posições.

Em 1870, Von Moltke empregou cães para manter o contato entre as tropas e os comandos.

Durante a Guerra Russo-Japonesa, a Inglaterra vendeu cães à Rússia os quais foram empregados como valiosos elementos na busca de feridos. Em seus Boletins, o Comando dos Exércitos Russos demonstra sua admiração pelo brilhante desempenho dos cães declarando que, graças a eles, fôra possível resgatar numerosos feridos tombados em regiões agrestes e inóspitas.

— Na Guerra de Tripoli, os italianos colocaram cães em seus Postos Avançados de Combate, para prevenir-se de qualquer avanço de surpresa.

— Durante a I Guerra Mundial (1914-1918) cerca de 400.000 cães foram incorporados às diversas forças bélicas, o que demonstrava já a importância adquirida pelo cão para fins de guerra.

— No Boletim do Kennel Club Italiano vamos encontrar um artigo do Cap D.C. Girrondan, do Exército daquele país onde se lê que:

“— O Império Teutônico que desde o ano de 1883 havia dotado seus exércitos de cães bem treinados, entrou na guerra de 1914/18 com 6.000 cães adestrados, quantidade que no curso da guerra foi acrescida de mais 35.000 destinados aos mais diversos serviços”.

— Antes da guerra, nas altas esferas militares da França, co-

mo da Itália, não se considerava eficaz a utilização racional do cão em uma formação de combate.

Assim, a França apresentou somente um Batalhão com 6 cães, ao ter início a guerra.

Após os artigos de Megmin, é que foi decidido o destino do Serviço de Cães, iniciando-se o aumento que deveria conduzir, um ano depois, quase ao final de 1919 — a adoção oficial do “cão de guerra” e à criação do serviço correspondente. Aproximadamente 12.000 cães passaram pelo Canil Depósito, depois de um adestramento de duração variável.

— Os belgas também utilizaram cães nas mais variadas missões, como bem relataram as jornadas do cerco de Namur, Liège e Anvers.

#### Emprego de cães durante a II Guerra Mundial

Em 1930 os alemães organizaram, em Frankfurt, uma escola de treinamento de cães para a guerra. As especialidades inicialmente treinadas foram de mensageiros, esclarecedores e guardas. Sua capacidade que era para atender 2.000 chegou a treinar aproximadamente ..... 200.000 cães em um período de 10 anos. A Alemanha, em cada Escola de Pára-quedistas, possuía uma Seção de Cães que acompanhava estas Unidades em suas ações bélicas.

Enquanto a Alemanha, em 1939, desenvolvia um plano de adestramento de cães em grande escala, os demais países euro-

peus possuíam pequenas formações de reserva.

Não foram somente os alemães que se dedicaram ao preparo destes animais para a guerra. As forças russas adestraram, antes e durante a guerra, mais de 50.000 cães. Foram os russos que, durante a guerra lançaram a mais nova modalidade de seu emprego os "Anti-Tank Dog Mines", com grande eficiência, causando enormes estragos às famosas Divisões Blindadas Alemãs.

— A Grã-Bretanha, dois anos após o início das hostilidades, iniciou um programa de adestramento de cães. Este país, acompanhando os demais exércitos do mundo, pouco antes de iniciar a guerra, atribuiu aos seus batalhões 4 cães e 2 condutores que empregados em várias modalidades eram treinados na War Dogs Training School em Melton Mowbray, onde eram preparados principalmente para localizar minas enterradas.

— Não verão de 1942, o XX Exército de Montanha Alemão foi empregado ao norte da Finlândia. O 35.º Corpo de Infantaria de Montanha ocupava o centro da frente alemã a leste de Alakurti e se defrontava com forças russas superiores. Devido às condições desfavoráveis do terreno, a idéia de lançar um ataque geral contra a Ferrovia Murmawsh-Leningrado (objetivo principal) foi abandonada.

A opinião geral era de que essa difícil missão só poderia ser feita por uma pequena unidade altamente móvel e para isso especialmente treinada. Foi orga-

nizada então a "Companhia de Sabotagem e Missões Especiais", unidade de alto escalão à disposição do Exército e que, nessa ocasião, achava-se estacionada na área do 35.º Corpo. Esta Companhia foi organizada em 1942 como parte do chamado Regimento Brandemburgo, e possuía, além de submetralhadoras russas ou finlandesas, morteiro de 80 mm e metralhadoras leves e dois canhões de 75 mm que podiam ser desmontados e transportados também 18 cães de pista e guarda com 6 tratadores finlandeses.

A principal missão dos cães era permitir maior velocidade à Cia, pois seus tratadores, conhecedores profundos da região, deslocavam-se à frente daquela subunidade em direção ao objetivo e os cães, pelo rastro deixado, conduziriam a Cia. até seu objetivo. Durante os descansos, permitiam o repouso de maior número de homens, já que a responsabilidade pela guarda dos estacionamentos lhes era quase que inteiramente confiada.

Outro motivo que levou os alemães ao emprego de cães foi o fato de que os russos, de um modo geral, demonstraram grande habilidade na travessia de importantes barreiras aquáticas utilizando os meios mais primitivos e, freqüentemente, a natação. Os alemães, em vista disto, tinham de encarar com a máxima suspeita qualquer moita de juncos ou vegetação aquática que fosse vista flutuando a despeito de seu aspecto natural ou inofensivo.

Como os russos se deslocavam com relativa facilidade através dos rios, pântanos e florestas, a observação de seus caminhos pelos alemães era por vezes deficiente e nestes casos a utilização de cães mostrou-se, com frequência, muito eficaz.

— O Japão, desde a guerra com a China havia posto em prática a colaboração deste "pequeno soldado" e possuía um Centro de Adestramento sumamente importante em Nanquim.

Antes de seu ataque a Pearl-Harbour, o Japão adquirira na Alemanha e desembarcara em suas costas, milhares de exemplares que unidos aos já existentes, foram adestrados para fins de guerra.

Na campanha do Pacífico sabe-se que o Japão foi um dos países que teve o maior número de cães, o que lhe foi bastante útil devido às características selváticas dos TO onde lhe tocou atuar, pois era, sem dúvida, a zona mais propícia para o desempenho desta especialidade.

— Quando a América entrou na II Guerra Mundial suas forças militares não possuíam cães de guerra treinados.

Somente após Pearl-Harbour, é que o Exército NA iniciou seu programa de cães devendo-se isto, a uma organização civil conhecida como Dog for Defense, Incorporated e ainda à outra chamada de American Theater Wing. Desde que nenhum fundo oficial governamental foi fornecido para incrementar o treinamento do cão de guerra, a Dogs for Defense, Incorporated em li-

gação com a American Theater Wing decidiu tomar a si a responsabilidade dos cães para emprego militar.

O programa de treinamento foi publicado e em maio de 1942 o Exército recebia seus primeiros 9 cães treinados. Foram exatamente esses cães que permitiram realizar um estudo para determinar de que maneira eles poderiam ser empregados. Os resultados revelaram a necessidade de um grande número deles e assim o Exército organizou os "Corpos K-9" (organização canina especialmente treinada para as tarefas de guerra).

Quando em 1942, o S Int Americano começou aquela organização, não foi inicialmente bem recebida pelo Exército, razão porque não foi imediatamente lançado o cão no emprego tático.

As primeiras unidades que os empregaram tiveram vários graus de êxito.

Seu aperfeiçoamento só atingiu grande desenvolvimento depois que os soldados reconheceram que o animal não era um "faz tudo", e nem uma "arma mágica", mas sim uma força especializada para determinadas missões.

Isto foi comprovado, através dos relatórios apresentados pelos vários TO, e que foram destruindo rapidamente quaisquer dúvidas de que a nova unidade ora formada não fosse altamente eficaz e daí por diante incorporou-se como parte permanente do Exército.

Em 1944/45, o Exército Americano iniciou o emprego de cães em outra modalidade, a de "Localizadores de Minas contra pessoal e Armadilhas" colocadas pelo inimigo. São esses cães conhecidos pelo nome de "Cães M", a "Flor" do Corpo K-9.

De que forma o senso canino age para descobrir, infalivelmente, objetos enterrados é coisa que não se sabe, nem se é peculiar a determinada raça.

A assinalação de minas por cães vem sendo praticada com sucesso na Grã-Bretanha.

Em exercícios realizados com o fim de reconhecer um campo de minas de densidade normal na Floresta Negra ou nas planícies do Reno, as equipes cinófilas francesas obtiveram rendimento constante de 95 a 100%.

Esses cães conseguiram achar e indicar a seus cinófilos a presença de minas que estavam enterrados há várias semanas. Sua grande especialidade porém, é indicar minas não metálicas que são exatamente as que desafiam os melhores localizadores de minas mecânicas.

O Exército Norte-Americano recebeu aproximadamente ..... 20.000 cães durante os 2 primeiros anos de operação do Corpo K-9. No fim de dois anos o exército tinha adquirido cães em um valor total de aproximadamente US\$ 2.000.000. A América empregou cerca de 10.000 cães durante a guerra, segundo dados e estatísticas sobejamente consolidadas.

O Pelotão de Cães de Guerra surgiu no Exército Americano como resultado das mudanças na arte da guerra moderna, sendo pois um dos órgãos mais novos daquele Exército. A organização foi recebida com grande entusiasmo, especialmente por parte dos veteranos combatentes da selva que sabiam, por experiência, que muitas vezes suas próprias vidas dependiam não só do método do avanço mas do silêncio mantido.

As ações das unidades de cães do VI Exército Americano foram tão bem sucedidas que êle tudo fez para ter Pelotões de Cães de Guerra incorporados a todos os seus RI, com o que a confiança dos homens foi também aumentando. Assim que as patrulhas iam se acostumando com seus cães, mais rapidamente eram feitos os deslocamentos ao longo dos trilhos, e, o medo dos fogos dos atradores de tocaia ou das emboscadas inimigas, foi diminuindo. Para exemplificar o valor dos cães na guerra, lembramos que o 26.º Pel de Cães de Guerra guiou os homens do RI em mais de 250 patrulhas durante o ano de 1944, sem que êle perdesse um só homem devido ao fogo inimigo.

E mais, segundo informações colhidas, durante as ações do RI em Morotal, os cães em patrulha nunca falharam em alertar a menos de 60m do inimigo, sendo que, em ocasiões favoráveis, farejaram o inimigo a uma distância de mais de 180 metros. Foi exatamente essa habilidade para farejar os bivaques de tro-

pas inimigas que deu aos norte-americanos a vantagem do "elemento-surpresa", que rendeu grandes dividendos. Foi calculado que, ao todo, 75% dos japoneses mortos foram colhidos de surpresa e que o emprêgo dos cães reduziu de 60% as perdas das patrulhas de combate.

Finalmente, podemos dizer que as famosas Unidades K-9 do Exército NA, que decaíram depois da guerra, foram reorganizadas a partir de 1951, possuindo já nessa época cerca de 900 ótimos cães.

— Na Itália vamos encontrar, em suas principais cidades, diversos Centros de Adestramento, principalmente nos locais onde são encontradas Guarnições Militares. De tôdas as especialidades a que maior destaque recebeu foi a de para-quedistas, cujos cães operaram na Ilha de Cefalo (Albânia) com os efetivos do Batalhão de para-quedistas San Marco, e, posteriormente, na Iugoslávia.

### EMPREGO DOS CAES APÓS A II GUERRA MUNDIAL

Após a II Guerra Mundial todos os países do mundo continuaram interessados no emprêgo dos cães de guerra. Foram, então, criadas várias seções de treinamento com a finalidade de prepará-los para serem utilizados como complemento de patrulhas.

Após a Guerra Mundial continuaram a ser empregados tanto no Extremo Oriente (Indochina,

Encontramos ainda Centros de Adestramento em Turquína, Viterbo e Tradate, na Itália.

Como coroamento do período compreendido pela II Grande Guerra, vejamos mais uma citação feita pelo Exército NA a respeito do Emprêgo dos Cães de Guerra:

— "No serviço de guarda, essas sentinelas duplas-homem/cão-protegeram o dinheiro do contribuinte NA impedindo o roubo nos armazéns e Depósitos Militares, no Japão. Esses Estabelecimentos eram guardados por um Batalhão de Infantaria, e, apesar disto, num período de 4 meses verificou-se uma perda de material no valor de US\$ . . . . 600.000. Essa Unidade foi substituída por 65 cães e 125 homens. Durante um período de 10 meses não se teve informação de qualquer roubo".

Conclui-se pois que, durante o conflito mundial, todos os países mantiveram uma percentagem importante de forças caninas para as tarefas de patrulhas e vigilância de instalações fixas.

Malásia, Coréia, para não citar senão as principais), quanto na África e África do Norte, em particular, pelo Exército Francês, que aí utilizou mais de 4.000 cães entre 1956 e 1962.

O emprêgo grandioso nessa área permitiu aliás, no correr do conflito, a salvação de numerosas vidas humanas e imensa redução de perdas materiais.

Em Lengries (Alemanha), em 1946, os NA criaram um Centro de Treinamento, tendo como missão preparar cães para a guarda de Depósitos de Munição, Abastecimento e Zonas Militares de vital importância que se encontravam distribuídas por toda a Europa.

Nas manobras realizadas pelos NA em Grafenwohr os cães exploradores atuaram, sob fôgo direto de um suposto inimigo, que se encontraria emboscado.

Em 1951 as famosas Unidades K-9, decaíram depois da guerra, foram reorganizadas e já dispunham os NA, naquela época, de 900 cães.

Em 1952 foi criada a primeira Escola de Sentinelas, da USAF, na Base Aérea de Showr, no Japão.

Em 1953 um Centro de Treinamento de Cães Sentinelas da USAF foi criado em Wiesbaden (Alemanha). Durante o período de 1954 a 1957 o Centro de Treinamento de Cães de Guerra do Exército, em Forte Carson, Colorado, foi empregado largamente para o treinamento dos Cães da F. Aé.

Em 1958 a Força Aérea Norte Americana (USAF) criava o Sentry Dog Bank, do Departamento de Treinamento da Polícia da Aeronáutica, localizada na Base da F. Aé. de Lackland.

Antes de declarar-se o conflito da Coreia, as forças americanas possuíam em SEUL, como sentinelas de pontos vulneráveis, uma centena de cães.

Declarada aquela guerra o 8.º Exército, em operação no Pacífico, levou com ele seus cães de guerra.

Em dezembro de 1964, o Departamento of the Air Force lança o USAF Sentry Dog Program — AF — Manual 125-5.

Em 1965 o Exército Norte Americano leva ao Vietnam aproximadamente 2.500 cães para emprego contra guerrilheiros Vietcongs. Segundo notícias publicadas nos jornais esses cães prestaram, e estão prestando, grandes serviços contra os guerrilheiros. Assim, vamos encontrar nessas notícias de jornais os seguintes títulos.

“São Salvador” onde é citado o fato de um cão do Exército N A que salvou uma Companhia de tropas dos EUA de cair numa emboscada, durante uma ofensiva nos planaltos centrais do Vietnam do Sul. O cão, de nome “Tigre”, percebeu e deu o alerta a uma distância de mais ou menos 50 metros, da presença de uns 300 soldados regulares norte-vietnamitas que estavam ocultos nas selvas, à espera da aproximação dos norte-americanos. Em 6-12-66 o “Jornal do Brasil” publicou o seguinte artigo — “Cão Pastor salvou a base de Tan Son Nhut” — em que cita o caso do Cão “Cubby” que se precipitou em linha reta contra os guerrilheiros do Vietcong que se arrastavam furtivamente em volta das instalações da base aérea de Tan Son Nhut. Essa ação permitiu que o sistema de defesa da base fosse alertado a tempo de rechaçar o inimigo.

### Vejamos agora, na França:

Em 1948 a França criou um Centro de Adestramento em Restalt, no quartel de Jofre, iniciado com 200 animais. Em junho desse ano, o Ministério de Defesa Nacional decidiu enviar à Indochina um destacamento de 20 cães pastores alemães adestrados na especialidade "observação-patrolha" e autorizou, de 1949/51 alguns Corpos de Tropa a levarem para o Extremo Oriente os cães de guerra que tinham recebido do Canil Central do Exército, mesmo a despeito de todas as experiências levadas a efeito, até essa data, resultarem pouco convincentes.

Em 1952 o Exército Francês instalou dois importantes canis, um em Hanói e outro em Salgon, e também foram criados 4 Comandos Cinófilos dependentes dos S. V.

Em 1953 foi criado um 5.º e 6.º Cinocomando destinado ao Laos e ao Plateaux montanhoso, e ainda os cães locais de alerta, de recrutamento local.

Em 1954 a pedido dos próprios comandantes das tropas do Vietnã do Norte, foram instaladas mais 4 novas formações Cinófilas, bem como apareceram os cães localizadores de minas, em número de 24, enviados da Metrópole e passaram a formar mais 3 Cinocomandos Especializados Suplementares.

Assim, no momento de cessar fogo, em 1954, a França possuía em ação um efetivo superior a 300 cães, fora os de recrutamento local.

### Inglaterra:

Em 1953, ante os ataques efetuados de surpresa e realizados em quase todos os casos à noite, pelos Mau-Mau — organização terrorista africana — a Inglaterra se viu obrigada a enviar, por meio de suas Reais Forças, cães pastores alemães à cidade de Quênia com a missão de guardar suas instalações e alojamentos.

A Inglaterra, com a finalidade de fornecer cães de guarda aos objetivos necessários e prepará-los convenientemente, criou um Centro de Adestramento no Canal de Suez.

Em 1964, revistas brasileiras publicaram notas onde eram mostrados, na Inglaterra, cães sendo treinados na modalidade "Localizador de Feridos" onde também era utilizado o rádio.

O jornal "The Sphere", da Grã-Bretanha, também mostra em um de seus artigos, inclusive com documentos fotográficos, o Exército apresentando os cães "localizadores de Minas", que segundo opinião do articulista "foi uma demonstração de grande rendimento".

Baseada nas experiências obtidas na Coreia e Malaca, a Austrália resolveu aumentar seus efetivos de cães e criou Seções de Cães Pára-quedistas para usá-las em patrulhas com suas tropas.

Durante o conflito do Congo forças da ONU levaram cães de guerra para múltiplos serviços.

Em 1954 Portugal deu seu primeiro passo importante, no que

se refere aos cães de guerra, mandando alguns dos seus oficiais veterinários à Grã-Bretanha para estudarem tudo sobre o assunto.

Quando, em 1954, um oficial português realizou uma visita ao Centro de Treinamento da RAF, um oficial inglês perguntou-lhe se Portugal já possuía cães na Índia (referia-se à invasão de Dadrá e Nager-Aveli) e ao obter a resposta negativa informou-lhe que quando da ocupação inglesa daquele país, lá estivera comandando uma Companhia de Cães de Guerra e observou que onde havia cão não aparecia nenhum indiano, isto porque, o indiano tem pavor, de origem mística, a esse animal.

Em 1957 recebeu então, da Alemanha, os seus primeiros cães de guerra. Quando este grupo estava em adiantado estágio de instrução, foi cedido à Polícia do Estado da Índia, sendo por isso necessário realizar nova importação em 1958.

Assim sendo, em 1958, com alguns cães adquiridos em Portugal e outros fornecidos pela GNR, formou-se um efetivo de algumas dezenas de cães que seguiram então para a Índia.

Durante o período de 1962 a 1964, Portugal manteve em Luan-da, Vila General Freire, Noqui, Quicabo, Cabinda, Vale do Loge, as suas Seções de Cães de Guerra números 861, 862, 863 e 864 cabendo a todas elas a missão de, temporariamente, reforçarem determinadas unidades colaborando na atividade operacional, detectando o inimigo e perseguindo-o.

Como Subunidades de características muito especiais souberam, apesar de contingências várias, realizar cabalmente as missões de que eram incumbidas, mercê do entusiasmo e dedicação do seu pessoal quer no decorrer das operações quer no treino e recuperação dos cães.

Também a Aeronáutica, conhecedora do uso que aos cães tem sido dado no estrangeiro e das vantagens advindas disso, quis criar o seu Corpo de Cães, tendo-os adquirido e enviado para Tancos, onde já estão trabalhando num Centro de Instrução que promete ser ativo e operante.

Foi no Batalhão de Pára-quadistas que coube a missão de adestrar os cães da Aeronáutica, e que se destinarão não só ao serviço privativo dos pára-quadistas isto é, atira-se também em pára-quedas, mas também às missões de guarda e policiamento de Aeródromos, Bases e Depósitos de materiais.

Em 1963, Portugal publicou "O Exército na Guerra Subversiva" — operação contra bandos armados e Guerrilheiros do M Ex, 3ª Repartição, onde fomos encontrar os seguintes dados:

"Na contra-guerrilha desempenharão, portanto, papel importante as pequenas unidades altamente móveis e capazes de atuar com eficiência nos terrenos difíceis que os rebeldes normalmente procuram."

Assim, na parte que se refere à *organização dessas Unidades*, além de outros elementos, cita:

— "Nos terrenos acima referidos, os cães de guerra constituem, pa-

ra certas unidades, um elemento insubstituível."

Em outra parte, referindo-se à "Vigilância", fomos encontrar:

"A vigilância exercida por sentinelas pode ser eficazmente melhorada por cães de guerra devidamente amestrados, em especial quando se trata de garantir a segurança de uma área grande."

Notícias chegadas de Montevideu citam o seguinte fato: "A instituição privada "Shavehundverein Uruguay", que conta com cerca de 4.000 cães de raça inscritos, iniciou trabalhos e estudos para introduzir um sistema de controle de rádio sobre cães policiais. Esses cães já foram empregados pelos russos para transportar bombas antitanques; na Alemanha vigiam fábricas e estradas de ferro e no Chile tiveram êxito na procura de pessoas desaparecidas."

Cabe lembrar ainda que, na Eu. opa a proteção do público que entra na cancha se faz pelos cães amestrados — rádio-controlados ou de controle-remoto — que substituem os policiais a cavalo.

Notícias provenientes da Rússia nos dizem que os soviéticos lançaram cães para perseguir os chineses. A Estrela Vermelha, órgão do Ministério de Defesa Soviética, revela que 25 cães já foram treinados por jovens voluntários de uma Escola secundária de Moscou, e que serão encaminhados para perseguir e agredir os invasores (Nota de "O Globo").

Notícias da Alemanha também nos informam da substituição de

guardas por cães, no muro de Berlim, com a finalidade de evitar a fuga por esse setor.

Outras informações a respeito de cães, temos da Argentina, Venezuela, etc.

Quanto ao Brasil, sabe-se que a Divisão Aeroterrestre possui um efetivo de aproximadamente 10 cães, treinados para as principais missões.

Pode-se observar que quase todos os Exércitos do mundo, sobretudo aqueles que têm experiência bélica, possuem em seus efetivos cães de guerra.

Nota-se ainda que eles foram empregados por trilhas através de espessa vegetação da selva e em terrenos variando de baixos pantanosos a zonas íngremes e acidentadas, em clima tropical ou em operações militares em terreno densamente boscoso, entremeados de numerosos lagos, rios e pântanos, bem como em algumas regiões dobradas e rochosas que apresentavam para as unidades de combate e serviço igualmente grandes dificuldades.

Foram empregados tanto nas guerras convencionais como nas guerras revolucionárias, e, em qua'quer delas, foi seu desempenho notável, justificando plenamente seu emprego.

Para concluir, citaremos o que disse um especialista no assunto:

"O terrorismo, o sabotador, a guerrilha, não deixarão certamente de fazer sua aparição. E, para eles, para evitar e combater sua ação criminosa, nenhum meio melhor pôsto à disposição

do homem que o cão, preparado com tempo, adestrado com esmero, utilizado com senso. É modesto no custo, eficiente na ação, indispensável na selva. E se, finalmente, as entidades militares considerarem a economia de pessoal que ele acarreta — 1 cão e

um homem substituem de 4 a 8 sentinelas, segundo as condições do terreno — e se o Serviço de Cães vier a ter o desenvolvimento que se impõe, novas missões e novos campos de atividades se abrirão aos veterinários militares.